

PERSONAGENS: A HISTÓRIA COMEÇA...

Por Reynaldo Bessa

Se estiver sozinho em seu quarto, mesmo assim, dê uma olhada à sua volta. Encontrará objetos que pertenceram a algumas pessoas, ou que você os ganhou de presente, ou até mesmo que foram esquecidos: um guarda-chuva que seja, quando alguém foi lhe fazer uma visita. Vá mais além, abra gavetas, fuça. Haverá bilhetes, cartas, recortes, cartões-postais, sim, fotos. Ah, abra *o álbum de família* (isso ainda existe?). Ok, sei, é um exercício doído, solitário. Certo, então, pegue o interfone e converse com o porteiro, perceba como ele fala. Ele fala como você? É diferente? É igual? Como é? Mas você não mora em apartamento, tá, então saia, vá até o portão. Há muitas pessoas zanzando por ali; o carteiro, gente saindo do trabalho, do colégio, o jornalista, hum, o vizinho. Você tem um vizinho, certo? Enfim, não há desculpas: os personagens estão por toda parte como se caíssem do céu feito os sapos no filme *Magnólia*. Só falta parar para observá-los, vê-los, estudá-los. Continue. Se estiver na estrada e precisar parar em um desses restaurantes, e por uma acaso ouvir uma voz metálica anunciando as partidas dos ônibus. Atenha-se ao sotaque, a formalidade. Tente imaginar a idade da dona da voz - digamos que seja do sexo feminino -, o que ela gosta de fazer, onde estuda, se tem alguma mania. Tente dar um rosto a ela, uma estatura, um tique. Imagine como deve ser o sorriso, a rotina dela. Teria uma aparência melancólica, enérgica, triste ou feliz? Talvez more com a mãe que recentemente

contraiu uma doença rara, e ela, a menina da voz no alto falante, precise trabalhar bastante para comprar os remédios caríssimos. Ela deve guardar algum grande segredo. Todo mundo tem um ou vários. Imagine, imagine, imagine. Estou falando de pessoas, e estas são o ponto de partida para a criação dos personagens, e conseqüentemente de uma história. Na verdade, não existem histórias sem pessoas. Ah, professor, mas e a Revolução dos *Bichos, do Orwell*? Só existem animais ali, não existem pessoas. Existem sim, os bichos são referências a pessoas... Trotsky, Stalin não eram pessoas? No livro - uma sátira - os animais representam as ações e problemas humanos; socialismo x capitalismo. Pense, pense, pense, imagine, imagine, imagine... Vamos em frente. Ah, agora peguei você, professor: e os livros do *Art Spiegelman*? Não há pessoas. Só vi gatos, sapos, porcos, cachorros, renas, traças... Sim, está repleto de pessoas também. Na verdade, *Maus: A Survivor's Tale* é um romance gráfico produzido pelo estadunidense *Art Spiegelman* que narra a luta de seu pai, um judeu polonês, para sobreviver ao Holocausto. O autor retrata diferentes grupos étnicos através de várias espécies de animais: Os judeus são os ratos (em alemão: maus), os alemães, gatos, os franceses, sapos, os poloneses, porcos, os americanos, cachorros, os suecos, renas, os ciganos, traças, os ingleses, peixes. Em suma, o livro trata do antissemitismo. Taí um *Pulitzer*.

Os personagens são o centro nervoso da ação, a mola, o impulso, o movimento. Eles atiram a história na ladeira. Jogam-na do penhasco para que a coisa aconteça. Pessoas gostam de histórias porque de um jeito ou de outro são sobre as pessoas. O livro, aos olhos do leitor, é o espelho do *impossível* que ele pode realizar, ali, sentadinho. E pra haver essa identificação-relação têm de existir pessoas. Pode

até haver insetos, animais, um computador (Hal), o que for, mas essas coisas, de um jeito ou de outro, sempre acabarão nos remetendo a pessoas. Veja o conto do Machado de Assis, *O Apólogo*. Hum, uma agulha conversando com um novelo de linha e um alfinete, sei. Será que essas coisinhas inanimadas nos fazem lembrar pessoas? Parou pra pensar no comportamento de cada uma delas ali? E a *Mônica*, personagem do *Maurício de Sousa*. Sabe em quem ela foi inspirada?

Muitos escritores (os mais experientes) só começam uma história quando acham, definem, encontram, constroem, pensam, montem, criam um personagem. Com o seu registro linguístico* e tudo mais. Caso contrário nem sentam para escrever a história em si: ação, espaço, tempo. Na maioria dos casos, o personagem é a sustentação, o motor da história. Tente imaginar *Madame Bovary* sem *Emma Bovary*, ou *Dom Casmurro* sem *Capitu* ou *Bentinho Santiago*. Tente imaginar *Crime e Castigo* sem *Raskólnikov*, e sua machadinha, claro. Na literatura contemporânea, tente imaginar *Joana a contra gosto*, sem a *Joana* e suas espirais, e sua languidez. Ah, seria uma coisa bem a contra gosto, não? Não dá. Um personagem *redondo*** é uma coisa que... *Putz*, sei que isso é *Merchandising*... E não estou ganhando nada por essa propaganda, até porque só gosto de vinho, mas... – desce redondo. Enquanto mais complexo, mais profundo, mais redondo, melhor. Personagens ****planos* bem construídos também são bacanas, cumprem o papel que lhes cabem, recheiam a história, mas com o tempo acabam esquecidos. Você consegue lembrar-se mais do índio *Peri*, o companheiro e protetor de *Ceci* em *O guarani* (não tenho muito saco para o Alencar) ou da empregada *Juliana* na obra máxima *O primo Basílio*, do realista luso, *Eça de Queiroz*? *Peri* é tão bonzinho, né? Enquanto *Juliana* é revoltada, invejosa, despeitada, amarga, traiçoeira,

maléfica, ambiciosa, e por isso tudo responsável pelo conflito do romance. Sem ela a obra seria apenas mais uma historinha romântica e não uma arma apontada para a cara da careta burguesia da época. Não estou falando de vilão ou de mocinho. Refiro-me à complexidade que encerra alguns personagens: a riqueza, o poder de transformação, a verossimilhança. O personagem *redondo* entra em sua mente, em sua alma, na sua vida. O *plano* só passeia, como aquele cara que vem no carro, para, pede uma informação e depois vai embora e pronto. Todos estes personagens secundários ajudam na solidificação do texto, no andar da história, mas é preciso mais do que isso. O texto é mais embaixo. Enfim, Personagens, personagens e personagens...

Não há uma *fórmula-padrão* para criação de personagens. Há tentativas, buscas, estudos, exercícios diversos. O resto fica por conta do escritor. Isso vai depender da sua bagagem de leitura, do seu repertório de experiências, do seu poder de percepção, de observação, da capacidade que sua mente tem de se entregar, de se envolver, de mergulhar... Se fundo ou se raso. A maioria dos personagens de Balzac tinha *certidão de nascimento* e até *atestado de óbito*. *Fiódor Dostoiévski* criava personagens tão redondos que sinceramente eu não gostaria de cruzar com ele, à noite, em alguma esquina. Nem pensar...

Há ainda um jeito de se pensar um personagem (sempre há): transição entre pessoas reais e personagens ficcionais (*Emma Bovary c'est moi*. Lembra-se disso?). Você faz uma composição entre pessoas que você conhece com as que você não conhece muito bem, acrescenta pessoas que você viu uma única vez, conversou muito pouco e outras que você só ouviu falar. Ao utilizar o método de composição, você monta personagens que são uma mistura de diversas pessoas. Você põe pra funcionar a sua *mente-liquidificador*. Em resumo, você

cria um personagem com a personalidade do seu pai, com um tique do seu melhor amigo, que fala como o padre da missa aos domingos, e manca como o seu tio. E ele também tem uma tatuagem como aquele cara que você viu correndo na rua, e tem um cheiro esquisito como o rapaz que estava na fila do supermercado. Enfim. Vá colando. Ele sonha em escrever um livro, assim, como você? Pode também. Ele mora numa casa parecida com a que você morou quando era criança ou numa outra que você gostaria muito de morar? De repente ele é tão metódico e pontual quanto o filósofo *Kant* a ponto do pessoal na rua acertar os relógios ao vê-lo passar... Sei lá... Isso não acaba nunca.

Agora pense qual foi o maior criador de personagens: Shakespeare? Balzac? Conhece algum personagem desses dois autores? Escolha um, estude-o. É redondo? É Plano? Observe aquele velhinho no parque olhando para um ponto no horizonte sem horizonte. Imagine o que ele está vendo, como o vê, o que sente. Quem é ele. Dê um nome. Riobaldo? Vautrin, Telêmaco? Otelo? Lucien de Rubempré? Holden Caulfield? Dimitri Karamazov? AugieMarch? Herzog? Henderson? Emma? Catherine? Capitu? Joana? Ah, são tantos. Mas sempre haverá espaço para mais e mais e mais. Mergulhe, se entregue, afunde, viva. Enfim, crie o seu personagem. E se depois você perder o total controle sobre ele, sim, se depois de tudo o que você fez – você o criou – ele o abandonar, você terá criado um grande personagem. Os melhores engolem o controle remoto logo que são criados. A primeira coisa que fazem logo ao nascer é cortar o cordão umbilical. (eles cortam, não você). Ah. Eu ficaria horas aqui. Nas minhas Oficinas de Escrita Criativa me utilizo de pelo menos dois encontros, só para pensar/estudar/criar/moldar/azeitar/inserir personagens. Mas... En-

tão...

Abaixo há um pequeno questionário (Resumidíssimo. Não haveria espaço aqui para as inúmeras perguntas que um escritor que se preza deve fazer ao tentar criar os seus personagens. *Se redondos, então. E aproveite e crie também o seu questionário. São inúmeros os caminhos, as possibilidades, as maneiras*). Vamos lá. Crie-os e depois pense numa história para eles. Depois me conte. Abraços e até a próxima.

1 - Qual é o nome e o sobrenome do personagem (e pseudônimo, caso tenha)?

2 - Qual é o gênero do personagem? Masculino ou feminino? Qual é o local e a data de nascimento?

3 - Qual é seu endereço? Rua, cidade, região, país, e como notar sua casa?

4 - Qual é a cor dos olhos e dos cabelos, se os tem ainda? Qual sua altura, seu peso e demais medidas (tipo físico)?

5 - Qual é a qualidade de sua voz, seu estilo de falar e suas expressões favoritas?

6 - Quais são suas características distintivas ou gestuais (rói as unhas da mão, anda mancando...)?

7 - Qual é seu estilo de se vestir? Quais são suas roupas favoritas?

8 - Qual é seu grau de instrução e experiência? Quais os assuntos nos quais ele é o mais informado? E o mais deficitário? Quais são seus assuntos de discussão preferidos?

9 - Qual é seu histórico de empregos?

10 - Quais são seus objetivos profissionais?

11 - Os pais ainda estão vivos? Se não, quando e como eles faleceram?

12 - Se eles estão vivos, o que eles fazem? Quais suas experiências de

vida?

13 - Quem são os outros membros importantes da família? (Irmãos e irmãs, pais adotivos...)?

14 - Qual é o tipo de sua personalidade? Seu estado mental? Sua natureza de base?

15 - Qual é seu temperamento? Qual é seu estado emocional?

16 - Quais são suas limitações, seus medos e suas inibições (bloqueios intelectuais ou afetivos)?

17 - O que faz depois do trabalho, depois da aula e no final de semana?

18 - Qual é a coisa que ele ama de verdade?

19 - Ele tem animais domésticos?

20 - O que faz seu personagem rir?

21 - Quem são aqueles que se põem no caminho do personagem? Qual tipo de relação eles mantêm com o personagem?

22 - O que é importante para o personagem? Suas ambições? Seus sonhos? Por quê?

23 - Como o personagem vê a vida?

24 - Como o personagem vê a si mesmo?

25 - Como o personagem é visto pelos outros?

26 - O que distingue o personagem das outras pessoas?

27 - Os leitores vão amar ou odiar o personagem? Vão se lembrar dele?

28 - Qual foi sua maior decepção?

29 - Numa frase, o que descreve seu personagem?

30 - o que o personagem quer? Obterá o que quer? Como?

* **Registro linguístico:** a alteração da fala que o falante utiliza para se adequar a determinadas situações em que se encontra. Não se fala com o pai como se fala com o médico. O jeito de falar com o melhor amigo é bem

diferente de quando falamos com um estranho. Com a namorada falamos de um jeito, e com alguém em uma fila de um banco que estamos tendo um primeiro contato, o jeito de conversar é outro, e por aí vai. Há diversos tipos de registros: muito formal, congelado, rígido, formal, neutro, informal muito informal, casual, e familiar.

** **Personagens redondos:** apresentam um “eu individual”, suas atitudes e reações não são narradas por uma imagem superficial antecipada porque derivam de um modo seu próprio de ser; de suas reações ante os acontecimentos. ‘tem densidade psicológica, uma vida interior complexa, surpreendendo frequentemente o leitor. Bento Santiago e Capitu, em Dom Casmurro, obra de Machado de Assis, são exemplos desse tipo de configuração de personagens.

*** **Personagens planos:** caracterizam-se por traços externos, sendo destituídos de profundidade. Seus traços já foram delineados no início da narrativa e normalmente não evoluem. Suas ações situam-se num plano previsível, não havendo surpresas.

REYNALDO BESSA (SÃO PAULO-RIO GRANDE DO NORTE) - Músico e poeta. Já lançou cinco CDs. O mais recente com músicas suas sobre diversos poemas de autores como: Drummond, Leminski, Auta de Souza, Alphonso de Guimaraens, Fabrício Carpinejar, Alice Ruiz, entre outros. Em 2008 lançou seu primeiro livro “Outros Barulhos – Poemas” (Prêmio Jabuti 2009 - Poesia). Em 2011 lançou seu livro de contos “Algarobas Urbanas”. (editora Patuá).